

## **D. António Ferreira Gomes Bispo de Portalegre (1948-1952)**

Em três situações canónicas diferentes está D. António Ferreira Gomes ligado ao governo da Diocese de Portalegre: 1- desde a sua nomeação a 23 de Janeiro de 1948, como Bispo Coadjutor “com direito de sucessão” (sagração a 2 de Maio e posse a 29 de Maio) até ao falecimento do Bispo residencial de Portalegre, D. Domingos Maria Frutuoso, a 6 de Julho de 1949; 2- novo Bispo residencial de Portalegre desde esta data, até à sua nomeação para Bispo do Porto a 13 de Julho de 1952, posse por procuração a 14 de Setembro e entrada na Cidade da Virgem a 12 de Outubro; 3- permanência como Administrador Apostólico da diocese de Portalegre, desde 14 de Setembro de 1952 até à tomada de posse por procuração do seu sucessor, D. Agostinho Joaquim Lopes de Moura, a 2 de Maio de 1953.

Dos acontecimentos ocorridos durante estes quase cinco anos fui testemunha por vezes presencial e durante bastante tempo em situação privilegiada. Com efeito, D. António Ferreira Gomes deu entrada na Diocese, por Constância e Abrantes, a 28 de Maio de 1948, indo ficar nesse dia ao Seminário do Gavião. Terminava eu então aí o primeiro ano de Teologia, podendo por isso assistir à recepção junto ao Seminário, por muito povo, e tendo bem presente como D. Domingos lhe saiu ao encontro fora das grades e se trocaram afectuosas saudações entre os dois Bispos, ficando para a posteridade a foto em que ambos se dão os braços, com o sorriso característico de um e de outro.

No dia seguinte, 29, seguimos para Portalegre em numeroso cortejo automóvel, desde as 15 às 17 h. Grande apoteose no Largo da Sé. Tomada de posse, perante o Cabido, na sacristia grande;

alocução de saudação; no fim do *Te Deum*, cortejo a pé a caminho do “paço episcopal”. Dom António nunca tinha vindo a Portalegre. Ao longo das ruas levantava, de quando em quando, o olhar para quem das janelas o saudava. Ao cimo da Rua de S. Tiago fixou a antiga muralha, atravessou a Porta do Postigo e foi encaminhado para a afunilada Rua da Mouraria, onde se situava a casa de aluguer que desde D. Manuel Mendes da Conceição Santos servia de Paço Episcopal. Dizia mais tarde: - “Vim pela primeira vez a Portalegre; e vim para ficar. Não aceito as sugestões de que este é um lugar de passagem”!

A 8 de Agosto de 1949 celebraram-se solenes exéquias do 30º dia por alma de D. Domingos Maria Frutuoso. Participei como organista. Ao fim da tarde, D. António mandou-me chamar e disse-me: - “O meu secretário, Pe. António Nunes Delgado, foi para o Porto e já não volta. Fica já hoje aqui para o substituir”. Assim me foi dado acompanhar durante meses o dia a dia do Sr. Bispo, na secretaria, na celebração da Eucaristia, nas refeições, nas Visitas Pastorais, nos passeios a pé pela cidade e arredores. Guardo recordações imorredouras de uma convivência próxima, que me permitiu ouvir muitas das suas alocuções e conversas, enfim, conhecer o pensamento de D. António, expresso quer de modo renovado, quer de modo recorrente, mas sempre com abordagens novas.

Fui acabar a Teologia ao “seu” Seminário de Marvão. A 15 de Agosto de 1951 ordenou-me de presbítero - aliás conferira-me todas as ordens, desde a introdução na *Prima Tonsura*. Neste dia memorável, disse-me D. António: - “Vai cantar a sua Missa Nova e quinze dias depois apresente-se aqui no Paço, porque vai ficar como Redactor Principal de “O Distrito de Portalegre”. Assim me foi dada nova oportunidade de conhecer mais profundamente o Sr. D. António Ferreira Gomes até ao dia da sua saída de Portalegre, a 11 de Outubro de 1952, em que se dirigiu a Coimbra para entrar no Porto no dia seguinte.

D. António impunha-se, desde logo, pela sua elevada cultura. Tendo assimilado bem a neo-escolástica, sabia integrar os acontecimentos, as pessoas, as ideias em discussão, no seu forte

sistema mental. Admirava-nos como ele citava os então recentes pensadores franceses: J. Maritain., E. Mounier, J. Guitton, D. Rops, Gabriel Marcel, etc. Sobretudo, constituía novidade para nós que a sua cultura se estendesse ao mundo inglês, falando de e comentando H. Belloc, O. Wilde, B. Shaw, G. Chesterton. Alimentava o espírito não só com leituras da Europa, mas também com o reflexo da vida americana entre nós – nomeadamente as posições da Igreja. Daí o seu estilo recheado de anglicismos, como *up to date*, *made in U.S.A.*, *church-goers* e a menção de seitas e até da Kuk Klux Klan.

Uma das suas preocupações era a formação da inteligência, a elevação da cultura, o apostolado das classes dirigentes, primariamente pela transformação das mentalidades e conversão interior – a “*metanoia*” de que falava frequentemente. Daí as suas especiais relações de amizade com os intelectuais, sobretudo das três principais áreas da Diocese. Resumidamente, menciono de Portalegre o Dr. António Rodrigues Soares, o Dr. Vítor Marques de Oliveira, o Dr. José Pequito Rebelo e família (esta, grande benfeitora da Diocese); de Castelo Branco, o Dr. Manuel Duque Vieira (filósofo e sociólogo) e o advogado Dr. Ulisses Vaz Pardal; e de Abrantes, o Dr. Armando Moura Neves, Dr. Manuel Fernandes e o Sr. Diogo Oleiro, redactor do “Jornal de Abrantes”.

Como é sabido, vivia então em Portalegre, como professor do Liceu, o poeta e escritor José Régio. Conhecedor das suas obras e dos seus problemas, D. António convidou-o, através do professor de Moral do Liceu, Pe. Anacleto Pires da Silva Martins, para um ou mais encontros. O grande homem de Letras e pensador escusou-se, alegando que já tinha falado com dois jesuítas e que estes não tinham conseguido esclarecê-lo.

Logo no ano lectivo de 1948-49 cuidou de organizar um Curso Superior de Cultura Católica, promovido pelo Secretariado Diocesano de Educação e Cultura, curso que funcionou até 1951. Ele próprio tomava a iniciativa de fazer conferências. Recordo como apareceu, quase de surpresa, em Marvão, a 25 de Janeiro de 1950, e partindo do Dia da Conversão de S. Paulo, traçou um panorama da cultura contemporânea.

Um mês depois da sua entrada na Diocese tinha bem definida, como primeira prioridade da sua acção evangelizadora, a fundação de um Seminário (Maior), em Portalegre. Essa preocupação encontra-se bem expressa no primeiro documento que publicou: - uma provisão, datada de 13 de Julho de 1948, sobre a Admissão ao Seminário, quatro colunas de reflexão pastoral, em que procura mentalizar a Diocese para a necessidade de aumentar o número de candidatos ao Sacerdócio e conseqüente exigência de construir um novo Seminário, para onde seriam trazidos os “teólogos”, que tinham andado, por empréstimo, pelos Olivais (Lisboa) e por Évora, acabando por ser recebidos em 1947, provisoriamente, no Gavião (Abrantes) e passados, também provisoriamente, em 1949, para Marvão, onde surgiu a generosidade do então Presidente da Câmara, Sr. Manuel B. Vivas, que se tornou um dos grandes amigos do Sr. Bispo e a quem este chamou para a Acção Católica Diocesana e para o qual pediu a Comenda da Ordem de S. Silvestre, Papa, em que foi investido em cerimónia realizada em Marvão, a 21 de Janeiro de 1951.

Como estrutura que haveria de promover a construção do Seminário e animar a manutenção dos já existentes em Gavião e Alcains (Castelo Branco), D. António criou um organismo próprio. Havia então já em várias Dioceses a O.V.S. (Obra das Vocações Sacerdotais). Explicitando e ampliando as suas atribuições, D. António alterou para Obra das Vocações Eclesiásticas e Seminários, com a vantagem de que as suas siglas (O.V.E.S.) davam a palavra latina *oves* “ovelhas”, o que logo evocava a missão dada por Cristo aos “pastores” da Igreja (João 21, 17): *Pasce oves meas* (apascenta as minhas ovelhas). A O.V.E.S. começou a ser organizada no Verão de 1949 e foi apresentada, pela primeira vez, em Abrantes, durante a Visita Pastoral de 30 de Outubro a 6 de Novembro. A partir daí, desejava-se uma comissão paroquial em cada localidade e constituiu-se a Comissão Diocesana, com sede em Abrantes. A referida Visita Pastoral coincidiu assim com a I Semana dos Seminários e da O.V.E.S. Ficou marcado que a primeira semana de Novembro seria dedicada, nos anos futuros, aos Seminários.

No final de Dezembro de 1949 foi fundada a revista *Pasce O.V.E.S.* que se apresentou como “revista de cultura e boletim da Obra das Vocações Eclesiásticas e Seminários”. Pode dizer-se que D. António Ferreira Gomes, cujo nome não aparece na “ficha técnica”, foi, de facto, o fundador, director, redactor e editor da *Pasce O.V.E.S.* A publicação era quadrimestral, periodicidade que se manteve até ao n.º 7 (Abril de 1952). O n.º 8 saiu em Outubro e é exclusivamente constituído pela longa Pastoral de despedida. Veio ainda a sair o n.º 9 e último, em Maio de 1952, organizado pelo Cónego António Gonçalves Franco Infante, que assina com três dos seus vários pseudónimos literários. Dos números 1 a 7 pode afirmar-se: - toda a colaboração que não está assinada por outro nem é nota da tesouraria, ou é de certeza ou muito provavelmente é de D. António! Excluem-se, evidentemente, as crónicas dos Seminários e das Paróquias.

Um pouco anterior foi o Congresso do Sagrado Coração de Jesus, em Castelo de Vide, cujas celebrações se realizaram a 22 e 23 de Outubro de 1949. O ponto de partida foi duplo: cinquentenário da consagração do mundo ao Sagrado Coração de Jesus, por Leão XIII; e bicentenário da Congregação dos Escravos do Sagrado Coração de Jesus - duzentos anos de vida em Castelo de Vide. Levou meses de preparação. D. António organizou o Congresso como uma “grande batida” de evangelização dos seus arciprestados no Alto Alentejo. Convidaram-se dezenas de “missionários”, vindos das Dioceses de Évora e Patriarcado de Lisboa, bem como do Porto. Alguns destes eram velhos amigos do Sr. D. António. Lembro-me de terem sido convidados para a mesa episcopal o Pe. António Correia de Resende, então pároco em Oiã (Aveiro) e o Pe. Adriano Moreira Martins, vigário de Santo Ildefonso, no Porto. Entre os oradores das sessões do Congresso, alguns vieram também do Porto, como o Pe. Dr. Bernardo Xavier Coutinho (que fez a história da Congregação em festa) e D. Maria José Novais, que falou com grande entusiasmo, e a quem D. António voltou a convidar para vir discursar a Portalegre, a 10 de Junho de 1951. Por aquela ocasião foi renovada a acção pastoral de muitas paróquias do Alto Alentejo, que haviam ficado quase abandonadas desde a implantação da República.

A actividade pastoral de maior âmbito foi, sem dúvida, a celebração do IV Centenário da fundação da Diocese de Portalegre. Criada a 21 de Agosto de 1549, só foi efectivamente provida quando, a 16 de Junho de 1550, D. Julião de Alva tomou posse. Foi esta a data escolhida para início das celebrações. D. António nesse dia de 1950 celebrou de pontifical na Sé e enviou daí uma “Mensagem à Diocese no seu IV Centenário”. As solenidades foram-se realizando ao longo do ano, mas atingiram o seu clímax durante a visita da Imagem peregrina de Fátima a todas as paróquias da Diocese, entre 6 de Maio e 12 de Junho de 1951.

Foi mais de um mês em que D. António acompanhou por todo o lado a Imagem Peregrina, aproveitando-se a oportunidade para a fazer preceder por uma grande “missão popular” em todos os Arcipres-tados. Três acontecimentos não podemos deixar de distinguir. Primeiro: - A 8 de Maio de 1951 realizou-se, em Castelo Branco, uma concentração da Acção Católica operária. Foi um dia grande para o Sr. Bispo, que via a seu lado representantes da JOC e LOC, vindos de Portalegre, de Abrantes e Rossio, do Retaxo e de Alcains e os da própria cidade. Segundo: - Dias 9 e 10 de Junho, recepção à Virgem Peregrina na cidade de Portalegre, com a presença da JAC e LAC de toda a Diocese, com o magnífico Coro Falado (escrito pelo Pe. António Gonçalves Franco Infante) “Voz dos campos”. Terceiro: - Integrada no entusiasmo dos rurais, D. António proferiu no dia 10, num altar improvisado, no Rossio, junto ao então Hospital da Misericórdia, a Oração de Consagração da Diocese ao Imaculado Coração de Maria, que é o mais belo texto de piedade e de valor literário de toda a sua vida. Nos dias 12 e 13, grande peregrinação diocesana a Fátima.

No fim destas canseiras, D. António Ferreira Gomes estava esgotado e doente. A conselho do seu médico, Dr. José de Forjaz Sampaio, foi passar uma temporada à casa amiga do Sr. Manuel Geraldês, na Quinta do Rosal, a meia encosta da Serra de Portalegre. Debelada a primo-infecção, arrendou a Quinta da Fonte Bela e aí, vivendo em meio rural, se estabeleceu, no sopé da Serra. Passou a vir ao “paço episcopal” da Rua Mouraria apenas para

as audiências e para a celebração das festas litúrgicas, ordenações, etc.

Para conhecer e compreender a acção de D. António, em Portalegre, torna-se indispensável ler atentamente a sua colaboração nos jornais, sobretudo no semanário diocesano “O Distrito de Portalegre”. Quem o lesse superficialmente poderia pensar que de D. António eram só as Cartas Pastorais, as Mensagens e Homilias e as notas da secretaria episcopal, por vezes sob o nome de Provisão, de Decreto e de Secção Oficial. A realidade é muito diferente. A maior parte da sua colaboração saiu anónima. É que D. António considerava que, sendo diocesano o jornal e o Director da confiança do Prelado, este poderia intervir, contando-se os seus escritos como orientação da Direcção para os leitores.

Aceite este pressuposto, compreender-se-á que sejam de D. António artigos, transcrições precedidas de nota introdutória, comentários e até simples “locais” ou notícias. Deixou-nos assim um grave problema para resolver, se quisermos conhecer a fundo o seu pensamento. Há o perigo de atribuir-lhe de menos, limitando-nos ao oficial e pastoral, ainda que não assinado; mas corre-se também o risco de atribuir-lhe demais, pois muitas vezes se entra em dúvida sobre o que é genuinamente de D. António e o que o será só muito provavelmente. Aqui ficam os tópicos para um “cânone” a construir.

Há séries de artigos que sabemos, com segurança, que são da autoria de D. António ou porque no-los entregou pessoalmente, ou porque lhos passámos à máquina ou porque na Redacção, e até na Tipografia, nos deram disso conhecimento. Estão neste casos quatro grupos.

O primeiro é constituído pela preparação dos leitores para as eleições. É seguro que são seus todos os artigos sobre a controvérsia entre as candidaturas do Marechal Carmona e do General Nórton de Matos, bem como, após a morte de Óscar Carmona, a disputa entre o General Craveiro Lopes e o Almirante Quintão Meireles. Igualmente é seu o artigo “Votar em quem?”, publicado a 12 de Novembro de 1949 antes das eleições legislativas. Como D. António era então diverso daquilo que

pensariam as pessoas que o vêem apenas à luz da célebre “Carta do Bispo do Porto a Salazar”, escrita dez anos depois (13-VII-1958), em circunstâncias políticas diferentes!

Um segundo grupo intitula-se “À Margem da Vida”, seguido sempre de um subtítulo. São onze artigos de grande interesse cultural, de formação ou de apologética. Entre os temas tratados encontram-se a Medicina, Junqueiro, Egas Moniz, Mao Tsé Tung, André Gide e Nuno Álvares. Surgiram quando as circunstâncias históricas os tornaram oportunos.

Há um pequeno grupo de artigos que visava desvendar certa mentalidade maçónica e anticlerical que se difundira em Portalegre desde o final da monarquia. Iniciou-se com uma nota ocasional, publicada a 24 de Novembro de 1951, que levou o nome de “A luz de Portalegre” e que continuou em três outros artigos sob o título genérico de “Regionalismo, patriotismo e cristianismo”. Absorvido por outros interesses não desenvolveu este tema, entretanto deixado de lado com a sua conversa com o Núncio (de meados de Junho de 1952), em que o convenceu a aceitar a transferência para a Diocese do Porto. O seu pensamento a este respeito reflecte-se, no entanto, também na análise feita na Pastoral de despedida. Aliás, uma expressão desta mentalidade foi-me por D. António sugerida numa longa conversa, a 12 de Setembro seguinte, em que fui consultá-lo sobre a orientação a dar ao jornal após a sua saída. É esta a origem de uma longa campanha que travei na secção “Notas e Factos” sob o tema “Os nomes das ruas de Portalegre”, em que havia títulos glorificadores de autênticos inimigos da Igreja.

Um quarto e último grupo é o mais longo, relativo ao comportamento dos adventistas em Portalegre e na região. Principiemos por uma referência, então “confidencial”. Quando chegou a Portalegre, em 1948, D. António encontrou, perto da Sé, uma igreja adventista, pastoreada por um seu condiscípulo na Universidade Gregoriana, em Roma. Escreveu-lhe então um cartão (manuscrito, mas de que foi guardada cópia), manifestando-lhe o desejo de se encontrarem. A resposta do antigo professor do Seminário de Portalegre (à Rua dos Canastreiros), Pe. Dr. José



Nunes Branco Pardal, foi pedir a sua transferência para a Congregação Adventista de Lisboa! E assim veio a estabelecer-se, como pastor, em Portalegre, o ex-frade franciscano Pe. Ernesto Ferreira, que escrevia no jornal republicano “A Rebeca”.

As origens do diferendo remontam a 6 de Agosto de 1949, em que foi publicada uma “Nota Oficiosa”, denunciando a prática de “colportores” adventistas, que faziam peditórios e vendiam revistas para o Seminário de Portalegre e para as Missões. Vários católicos contribuíram, pensando que se tratava de obras e de jornais católicos. À resposta adventista contrapôs-se uma local intitulada “Seminário de Portalegre”, na qual se apresenta o testemunho de pessoas que se sentiam enganadas. Perante novo comunicado, saído na “Rabeca” de 14 de Setembro, inicia-se então a série “Adventismo e Adventistas” cujo primeiro título foi editado a 24 de Setembro e se prolongou, por catorze vezes, até 13 de Fevereiro de 1951, em semanas nem sempre sucessivas. Aliás, a série deve dar-se por terminada só a 10 de Maio de 1952, data em que D. António colaborou na secção “Notas e Factos” com os títulos “*Reum confitentem*” e “*Marshalismo de contrabando*”.

Iniciando-se como um problema pastoral de quem queria construir o Seminário Maior de Portalegre, a disputa evoluiu progressivamente para uma polémica, onde se desvenda a capacidade argumentativa de D. António. Longe viriam ainda o Decreto sobre o Ecumenismo e o Secretariado para a Unidade dos Cristãos! O Bispo de Portalegre comportou-se como um pastor zeloso, a quem procuravam desviar as ovelhas. Na Consagração de 10 de Junho de 1951 D. António confia, angustiado, a Nossa Senhora a defesa contra a heresia e o cisma, o racionalismo e o naturalismo, pedindo-lhe que purifique “particularmente da infecção da heresia esta cidade e Diocese”.

Posso provar a minha independência de Redactor: - a 28 de Junho de 1952 publiquei no “Distrito” uma “Carta aberta de um católico a todos os protestantes”, convidando à reflexão evangélica. D. António leu, comentou e não me repreendeu. Pretendia eu alargar o diálogo a outra confissão protestante (evangélicos anglicanos) existente em Portalegre, à qual D. António nunca atacou, nem sequer se referiu.

Enquanto sobre a questão anterior me posso considerar bem informado, sobre o pensamento social e sobretudo sobre a “reforma agrária no Alentejo”, tenho elementos menos concretos. D. António tinha grande interesse pelos problemas sociais, conhecia bem a Doutrina Social da Igreja e desejava encontrar meios para promover a organização de uma sociedade mais justa, harmonizando os interesses dos trabalhadores com os direitos do patronato. O caso mais evidente foi a organização, por sua iniciativa, de algumas reuniões de reflexão com os lavradores do Alentejo, entre os quais os Drs. Jorge de Bastos (Crato), Vítor Marques de Oliveira (Tolosa), José Pequito Rebelo e seus sobrinhos José Raposo e Eng. Rebelo Vaz Pinto, então jovem tenente (Gavião). Pretendia D. António, primeiro, a mentalização das classes dirigentes e, depois, chegar à acção. Foi nestas reuniões que D. António passou a ver um Alentejo diferente, em que se contrapõem as forças dos grandes proprietários e o que ele veio a chamar – já no Porto – “a miséria imerecida do nosso mundo rural”. A iniciativa não teve seguimento por causa da sua transferência para o Norte. Enquanto em Portalegre, nem no que se refere à “classe operária” nem ao “mundo rural” ninguém poderia adivinhar que, meia dúzia de anos depois, ele viesse a ser envolvido em problemas sociais e políticos tão graves como os que constituem a chamada “Questão do Bispo do Porto”.

Posso garantir ainda que D. António tinha em Portalegre uma atitude sempre deferente, respeitadora de parte a parte, com os Governadores Civis da sua área de jurisdição: os de Portalegre, Castelo Branco e Santarém. O mesmo se diga dos Presidentes de todas as Câmaras Municipais. Basta referir que, durante a visita da Virgem Peregrina à Diocese (Maio e Junho de 1951), vários Presidentes de Municípios fizeram pessoalmente a consagração do seu Concelho a Nossa Senhora. Mesmo com o Poder Central não houve posições antagónicas. D. António protegia, é certo, os seus Padres de tentativas de abuso de poder por parte de algumas Juntas de Freguesia e das Secções de Finanças; mas nunca estalou qualquer crise generalizada.

O mais notável caso de oposição ao Sr. D. António foi personalizado exclusivamente pelo Pe. Dr. José Ribeiro Cardoso. Tudo

se desenrolou em 1952. Pretendia este advogado, industrial, político e sacerdote que se construísse uma “nova igreja do Espírito Santo” em Castelo Branco. D. António, embora concordasse com a iniciativa, pôs sempre três condições: primeiro, restaurar-se-ia a Matriz de Castelo Branco; segundo, não se fariam peditórios generalizados, porque era necessário dar prioridade à construção do Seminário; e terceiro, o pároco devia fazer parte da Comissão. O Dr. Ribeiro Cardoso dizia que D. António, em Fevereiro e em Junho, tinha concordado com a construção da nova igreja e que só em Julho veio a pôr as condições. Escreveu contra D. António em termos muito ofensivos, acusando-o de mentira e de falta de carácter. Toda a questão foi por mim já estudada em dois artigos, escritos quase quarenta anos depois, na “Reconquista” (de Castelo Branco) de 15 e 22 de Maio de 1992. Em abono da posição de D. António veio o único leigo-testemunha da audiência de 23 de Junho, o Dr. Ulisses Vaz Pardal. Veja-se a carta deste advogado publicada na “Reconquista” de 22-V-1992. O certo é que D. António se sentiu magoado. E para mostrar que não guardava qualquer ressentimento contra a cidade de Castelo Branco decidiu oferecer à cidade, com *ex voto* entregue a Nossa Senhora de Fátima, na Sé, a cruz peitoral que por ocasião da sua sagração esta cidade lhe ofertara. Assim o fez. A pureza e sinceridade das suas intenções são apresentadas no final da Pastoral de despedida e testemunhadas pelos colaboradores da “Reconquista” e da “Beira Baixa” que assistiram ao cumprimento da promessa (primeira semana de Outubro de 1952).

A primeira parte da Pastoral de saudação começou a ser escrita por ocasião da morte do Bispo residencial de Portalegre, D. Domingos Maria Frutuoso, a 6 de Julho de 1949 e foi proferida na Missa do 30º dia; a segunda parte, data o conjunto com o dia 30 de Outubro de 1949 e foi tornada pública através do n.º 1 - Dezembro - da revista *Pasce OVES*. Aqui, ao tratar das condições materiais da Diocese afirma-se no propósito e na necessidade de construir um novo Seminário, que apresenta como prioridade para o conjunto da pastoral diocesana.

A Pastoral de despedida foi escrita em Agosto e Setembro de 1952 e vem datada de 2 de Outubro. Apenas breves trechos foram

lidos na “Missa com assistência de pontifical” na Sé, a 5 de Outubro. O problema do Seminário fica encaminhado com a compra do terreno e a entrega do projecto; falta a estrutura do Paço Episcopal. Trata ainda aqui da maneira mais profunda da “questão da unidade” (Portalegre e Castelo Branco) e do “caso alentejano” como problema social e moral. Faz finalmente um apelo à regeneração desta “Diocese condestabrianiana por excelência”. O *exvoto* da cruz peitoral à cidade de Castelo Branco é anunciado no fim.

É nas Mensagens, sobretudo do Natal e da Páscoa, e nas Homilias que se pode ver e estudar o pensamento de D. António Ferreira Gomes sobre teologia, antropologia cristã e doutrinação pastoral. As Homilias ficaram, na sua maioria, por escrever, restando-nos delas alguns extractos e resumos feitos pelos redactores dos jornais diocesanos. Quantas vezes, ao ouvi-las, proferidas em pequenas cidades e vilas do Interior, nos vinha à mente a necessidade de colocar ali um microfone da Emissora Nacional para lhes dar, pelo menos, o mesmo relevo e divulgação das Mensagens então pronunciadas pelo Patriarca de Lisboa! Essa atenção vieram a merecê-la só no Porto.

D. António veio para a Diocese de Portalegre como pastor e exerceu aí o seu ministério com elevado sentido apostólico e de modo multifacetado. O seu zelo percorria todas as suas actividades, quer pregando, conferenciando ou contactando particularmente com as pessoas, nas quais deixava impressa a sua marca; quer dirigindo e exortando os jovens da Acção Católica rural e operária ou os grupos e movimentos apostólicos, visando principalmente os de maior influência social; quer virando-se para obras de piedade, às quais afervorava com a sua palavra escrita e oral; quer entregando-se à descoberta e organização de grandes planos pastorais; quer dando-se totalmente ao seu “novo” Seminário, de que foi publicada pela primeira vez a gravura na *Pasce OVES* de Abril de 1952; quer dando instruções para a boa organização dos arquivos paroquiais e diocesanos. Neste último campo encontrou um valioso colaborador no Pe. Manuel Maia Mendes da Paz, que do Porto veio para Portalegre (1949-1952).

Quem quiser ter uma ideia global da sua acção e do seu êxito fará bem em ler o número especial de “O Distrito de Portalegre” de 4 de Outubro de 1952, em homenagem de despedida, em que colaboraram, entre outros, Mons. Côn. João José Álvares de Moura, reitor dos Seminários, Mons. Dr. José Maria Félix, escritor e seu amigo desde os tempos de Roma, na Gergoriana, Dr. J. Pires dos Santos, governador civil de Portalegre e Sr. Manuel B. Vivas, presidente diocesano da Acção Católica e presidente da Câmara Municipal de Marvão; e veja ainda no “Distrito” de 11 de Outubro o relato da sessão de despedida (realizada a 5 de Outubro) no Teatro Portalegrense, em que intervieram diversos oradores.

O último acto desta homenagem foi a oferta ao Sr. D. António, em nome da Diocese, de um cálice, com a copa, patena e colherinha em ouro, sendo de prata a base, o fuste e a ornamentação, obra artística da Ourivesaria Aliança, do Porto. Nos últimos anos da sua vida, visitei-o várias vezes na Quinta da Mão Poderosa, em Ermesinde; e foi com emoção mútua que um dia ele me mostrou a sua capela, onde estava o cálice com que celebrava diariamente, utilizando-o sempre (disse-me) “como grata recordação da Diocese de Portalegre”.

*JOSÉ GERALDES FREIRE*